

CATOPÊS EM MONTES CLAROS: A DANÇA COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE E PRESERVAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Aline Gonçalves Caetano

Graduanda em Educação Física

Dalilla Alves dos Santos

Graduanda em Educação Física

Fernanda de Souza Cardoso

Especialista em História da Arte

Projeto Afroatitude UNIMONTES - Governo Federal

RESUMO

O referido artigo é parte de um estudo em andamento que nasceu do Projeto Afroatitude¹, na Universidade Estadual de Montes Claros. A pesquisa em questão visa problematizar a dança nos contextos de grupos folclóricos afrodescendentes, representada pelos “catopês” da cidade de Montes Claros. O estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa descritiva, sendo três etapas: revisão teórica, aplicação de entrevistas semi-estruturadas aos catopês, com a finalidade de identificar com que fins e de que forma utilizam a dança em seus cotidianos, bem como suas percepções subjetivas com relação à referida manifestação cultural, discussão e conclusão do trabalho.

ABSTRACT

These article is part of an in progress study that was born of the Project Afroatitude of Universidade Estadual de Montes Claros. This research aims to discuss the dance in the contexts of afro descendant folk groups, represented by "catopês" from Montes Claros. This study characterizes as a descriptive qualitative research in three stages: theoretical revision, application of half-structuralized interviews to the catopês with the purpose to identify the objective and how they use the dance daily, as well as their subjective perceptions related to this manifestation cultural, discussion and conclusion of the work.

RESUMEN

Este artículo es parte de un estudio en andamiento que nació del proyecto Afroactitud, de la Universidad Estadual de Montes Claros. La investigación en cuestión busca problematizar la danza en los contextos de grupos folclóricos afrodescendientes, representada por los “catopês” de la ciudad de Montes Claros. El estudio se caracteriza como una investigación cualitativa descriptiva, siendo tres etapas: revisión teórica, aplicación de entrevistas semi-estructuradas a los catopês, con la finalidad de identificar con que fines y de que forma utilizan la danza en sus cotidianos, bien como sus percepciones subjetivas en relación a la danza, discusión y conclusión del trabajo.

A chegada dos negros ao Brasil teve início em meados do século XVI com o intuito de substituir a mão de obra indígena servindo de base no processo de colonização com que foi ocupado o território brasileiro. Para Júnior (1980, p. 99), “foi particularmente o escravo

que influenciou na organização econômica e social do Brasil”. Para Munanga (2006, p. 147), “os corpos dinâmicos e produtivos dos africanos escravizados foram transformados em coisa, em peça, em máquina de realizar trabalhos forçados”.

A escravidão subordinava o negro que na sua condição de escravo era tratado de forma brutal, sem ter quem os defendesse ou representasse. Vários escravos se revoltavam contra a situação de humilhação, se rebelando contra seus senhores. Mesmo com tanta violência o negro buscava formas de “libertar-se”, de expressar seus desejos e revoltas. Então cantavam, dançavam. Os cantos entoados na mineração, por exemplo, eram chamados de vissungos, que são cantos religiosos, de protesto, denúncia (FILHO: 1985, p. 65).

A dança aparece neste contexto como uma das manifestações culturais mais representativas da cultura negra. Segundo Ramos (2001, p.181) entre os povos negros que forneceram escravos para a América, a dança era uma instituição nos autos da caça, guerra, danças sexuais, funerárias, religiosas.

Em Minas Gerais a dança alegrava os mineradores, tinha um forte significado nas festas religiosas. No congado os escravos reviviam episódios de sua terra natal, faziam suas orações, escolhiam seus reis e rainhas. Segundo o mesmo autor, nas congadas havia uma confraternização, era um momento para tentar apaziguar o sofrimento e injustiças que assolavam as senzalas. De acordo com Campolina (1988, p.78) “a festa do congado é uma tradição que ainda permanece pelo interior de Minas”.

CULTURA E CULTURA POPULAR

O termo cultura traz em si uma amplitude de significados e representações. Na visão de Pesavento (2003, p. 15) antes de tudo podemos “pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”.

E o próprio conceito de cultura tem seu significado ampliado com o passar do tempo, com a aquisição de novas idéias, novas relações sociais, econômicas, artísticas. Neste sentido Chauí (2003, p. 289) ressalta que no campo artístico surge no século XIX a idéia de tradição popular ou cultura do povo, trazida pela corrente artística do Romantismo e cuja manifestação constituía o folclore.

A manifestação folclórica é então fruto da pluralidade de uma coletividade, na singularidade de diferentes corpos e pensamentos, que dinamizam a vida e retratam o real ou imaginário, que passa de geração em geração com o intuito de preservar as criações humanas.

Nessa perspectiva da coletividade temos as considerações de Ossona (1988, p.20) ao afirmar que a dança aparece como feito coletivo, atividade iniludível em cuja realização cada participante se funde na ação, emoção e desejo com o corpo geral da comunidade. A dança está presente em diversas situações na vida do homem, ela expressa sentimentos de alegria, dor, devoção, é a mais antiga manifestação, é universal e contemporânea.

DANÇAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS E O CONGADO MINEIRO

As danças folclóricas para Faro (1986, p. 14) “nasceram, em princípio, de danças religiosas que pouco a pouco foram sendo liberadas pelos sacerdotes para que as celebrações (...) passassem a ser realizadas em praça pública, e não mais dentro dos templos”. Elas refletem a necessidade do homem em expressar seus hábitos e costumes, e

possuem íntima relação com algumas atitudes do cotidiano. É uma forma de expressão popular que perdura ao longo do tempo pela tradição. E o maior dos traços comuns encontrados nestas danças, é que todas possuem natureza religiosa ou estão ligadas à alguma festa religiosa.

Encontramos algumas danças folclóricas influenciadas pelas tradições, hábitos e crenças da raça negra quando não pelo “sincretismo entre o catolicismo europeu e expressões da religiosidade africana”, como, por exemplo, acontece no reinado ou congado, típicos do estado de Minas Gerais. (TUGNY & QUEIROZ: 2006, p.21)

Lucas (2006, p. 75) revela que o Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais ou Congado, como é mais conhecido, é “uma tradição historicamente importante na formação cultural do país e geograficamente tão próxima, apesar de tão distante do conhecimento e do imaginário da sociedade em geral, no que se refere ao seu contexto e significado”.

Para Faro (1986, p.27) “a congada é normalmente citada como dança de conversão, de vez que, aos negros, era permitido dançá-la para celebrar o batismo dos novos convertidos à religião católica”.

O FOLCLORE NA CIDADE DE MONTES CLAROS (AS FESTAS DE AGOSTO)

Segundo referências de Brandão (1989, p.7) nossa vida está rodeada de situações únicas, raras ou repetidas, em que festejamos ou somos obrigados a festejar com as pessoas com as quais convivemos, sendo que a ênfase dada a certos acontecimentos varia conforme a sociedade onde estas situações festivas acontecem. E complementa sua idéia ao dizer:

Nas cidades médias e grandes as festas cívicas, históricas e profanas conquistam um lugar de crescente importância, enquanto nas pequenas cidades e nos povoados do interior elas ocupam um segundo plano, e os festejos locais e religiosos povoam quase todo o calendário.

O contexto e a situação das quais nos referimos neste artigo trata-se do segundo caso citado por Brandão, uma vez que a cidade de Montes Claros está localizada no interior de Minas Gerais, e a festa da qual tratamos é de cunho religioso, onde se destacam figuras populares, representantes do folclore local. Segundo Souto (1999, p.82) a maioria das festas populares brasileiras se referem à comemoração dos “Dias Santos”, sendo que muitas dessas festas transformaram-se em verdadeiros espetáculos folclóricos.

A primeira notícia que se tem sobre as Festas de Agosto é datada de 23 de maio de 1839, sendo que há quase duzentos anos em datas que variam no decorrer dos tempos, este mês é marcado pela realização de uma festividade que homenageia Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo. Durante a realização desta festa acontecem missas, bênçãos e levantamentos de mastros que são práticas religiosas. Acontece também apresentação das Marujadas, Caboclinhos ou Cabocladadas e Catopês. A festa com o passar dos anos adquiriu novas facetas, resignificando o “acontecimento”, mas mantendo-se “viva” (ZUBA & ANDRADE: 2004, p.114).

CATOPÊS NA CIDADE DE MONTES CLAROS: RESGATE E PRESERVAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Embora o Congado de Montes Claros seja representado pelos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos destacaremos aqui a dança dos Catopês, tradição de origem africana incorporada por nossa cultura. Tendo como objetivo discursivo neste artigo demonstrar de que forma este rito festivo, essa manifestação corporal pode auxiliar no processo de resgate e preservação da cultura afro-brasileira, destacaremos esses personagens populares, homens e negros, que dançam, cantam, se expressam, tecendo os fios de uma identidade coletivamente construída.

Segundo Zuba & Andrade (2004, p.114) “os catopês também conhecidos como Dançantes, é a mesma Congada de outros lugares, tendo, porém, características regionais. Dançam em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito”. Para Queiroz (2003) “o Congado, uma das mais fortes e importantes manifestações da cultura afro-brasileira em Minas Gerais, mescla tradições africanas com elementos de bailados e representações populares luso-espanholas e indígenas”.

Descrevendo sobre o início desta tradição temos as palavras do Professor Saul Martins citado por Colares & Silveira (1999, p.117) que destaca que Chico Rei, príncipe negro trazido para o Brasil, conseguiu economizar para comprar sua própria liberdade, fundando em seguida uma espécie de cooperativa, para alforria de escravos. Em torno dele, os alforriados formavam um reinado², o que se tornou um costume, folclorizando-se, sendo este, a reminiscência da África, dando a todos eles passageira alegria.

Os Catopês se compõem somente por homens e se agrupam em ternos³, sendo considerados os donos da festa, uma vez que é de sua obrigação organizar e acompanhar o reinado. No dia da festa, os Dançantes saem pelas ruas da cidade cantando e dançando, incansavelmente, sendo apreciados pelo público (ZUBA & ANDRADE: 2004, p.115).

Durante este “espetáculo” pelas ruas da cidade é que se estabelece a comunicação: o catopê que emite e o público que contempla a mensagem congadeira. Comunicação esta que se faz internamente entre os homens que se reúnem para entoar cantos e danças e externamente pelo diálogo estabelecido com aqueles que observam a performance (QUEIROZ: 2003).

AS FALAS DO MESTRE⁴

Conversando com João Pimenta dos Santos, ou Mestre Zanza, presidente da Associação dos Grupos de Catopês de Montes Claros, tivemos a nítida impressão de que mesmo com palavras simples é possível compreender o significado intenso da manifestação popular que representa. Nos impressionou seu jeito humilde, mas ainda mais sua postura de quem ama o que faz e se dedica a 70 anos a causa congadeira, servindo com devoção a uma tradição que como ele mesmo nos falou, vem de berço. Mestre Zanza diz:

Olha eu, que eu sou um catopê de berço, sabe como é que é?!(...). É que eu sou mesmo a raíz, mesmo né?! Que é o sangue mesmo. Precisa ter gosto também né?! Ter amor tradição, ser religioso. Porque se não tiver, se o sujeito não for religioso com alguma coisa, não dá nada que presta.

Analogicamente, temos as palavras de Brandão (1989, p.8) ao afirmar que “a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem”. E para Zuba & Andrade (2004, p.77) “pode –

se dizer que o homem busca na festa o amor religioso dirigindo a ela a emoção natural do amor humano por um objeto religioso”.

A festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem – fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto (Brandão: 1989, p.17).

NOTAS

¹ O Afroatidade é uma iniciativa do Governo Federal que busca inserir no campo da pesquisa e extensão os acadêmicos que ingressaram na universidade pelo sistema de cotas.

² Interessante notar os relatos do congadeiro João Lopes no texto *As falas do ingoma*, de Glaura Lucas no livro *Músicas africanas e indígenas no Brasil*.

³ Segundo Mário de Andrade (1989, p. 509-510) em seu *Dicionário musical brasileiro* a palavra *terno* estaria associado com divertimento popular.

⁴ Texto redigido a partir dos relatos de: João Pimenta dos Santos, o Mestre Zanza – presidente da Associação dos Grupos de Catopês de Montes Claros, em 26/03/2007, em Montes Claros.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Editora Papirus, 1989.

CAMPOLINA, Alda Maria Palhares et al. *Escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Secretaria de estado da cultura. Arquivo público Mineiro/ Copasa MG, 1988.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

COLARES, Zezé; SILVEIRA, Yvonne. *Folclore para crianças*. Montes Claros: Editora Unimontes, 1999.

FARO, Antônio José. *Pequena história da dança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

FILHO, Aires da Mata Machado. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itália, 1985.

JÚNIOR, Manuel Diegues. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exercício, 1980.

MUNANGA, Nilma Lino Gomes Kabenge. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.

OSSONA, Paulinna. A educação pela dança. São Paulo: Summus, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

QUEIROZ, Luis Ricardo S. Música e cultura: a comunicação na performance musical do congado de Montes Claros – MG. Unimontes Científica. Disponível em: <http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista_v5_n2/12_artigos_musica.htm>. Acesso em 17 dez. 2006.

RAMOS, Artur. O negro brasileiro. Rio de Janeiro: Grafia, 2001.

ZUBA, Adrielle Samantha Nunes; ANDRADE, Carolina Machado. Festas de Agosto em Montes Claros. In: SOUTO, Maria Generosa Ferreira. Festas populares: palavras em movimento. Montes Claros, 2004.

LUCAS, Glaura. Diferentes perspectivas sobre o contexto e o significado do Congado Mineiro. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ, Rubens Caixeta de. Músicas africanas e indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Aline Gonçalves Caetano, graduanda em Educação Física
Rua Anselmo José dos Santos, 523, Bairro Dona Gregória, cep: 39403- 048
Montes Claros - MG
ale.gc@bol.com.br

Dalilla Alves dos Santos, graduanda em Educação Física
Rua Elis Chamone, 509, Bairro Cristo Rei, cep: 39402-562
Montes Claros -MG
dalillalves@hotmail.com

Fernanda de Souza Cardoso, especialista em História da Arte
Rua Hidelberto de Freitas, 70, Bairro São José, apto 01, cep:39400-359
Montes Claros -MG
nandascard@yahoo.com.br